

BOLETIM

DOB RADIÇA

DIRETORIA DE CARTÉIS E INTERCÂMBIO

5



ANO 1 NÚMERO 003
ABRIL 2021



*Escola Brasileira
de Psicanálise*

BOLETIM

DOBRADICA

DIRETORIA DE CARTÉIS E INTERCÂMBIO



[HTTPS://WWW.EBP.ORG.BR/CARTEIS-E-INTERCAMBIOS/BOLETIM-DOBRADICA/](https://www.ebp.org.br/carteis-e-intercambios/boletim-dobradica/)

EBP@EBP.ORG.BR

RUA TEODORO SAMPAIO, 1441 – CONJ. 13 E 44 – PINHEIROS

CEP 05405-150 – SÃO PAULO – SP

TEL.: +55 (11) 3676-0297

EXPEDIENTE

DIRETORIA EBP 2019-2021

DIRETOR GERAL · SÉRGIO DE CASTRO

DIRETORA SECRETÁRIA-TESOUREIRA · MARIA RACHEL BOTREL LIMA

DIRETORIA DE CARTÉIS E INTERCÂMBIO · NOHEMÍ IBÁÑEZ BROWN

DIRETORA DE BIBLIOTECAS · PATRICIA BADARI

COMISSÃO NACIONAL DE CARTÉIS E INTERCÂMBIO

CATÁLOGO ONLINE DE CARTÉIS · ANA TEREZA GROISMAN

INTERCÂMBIOS · CLEYTON ANDRADE

COLABORADORES DO BOLETIM

PAOLA SALINAS, GUSTAVO RAMOS, ELENA LERNER

EQUIPE DE GESTÃO DE CARTÉIS E INTERCÂMBIO 2019-2021

EBP-BA – SÔNIA VICENTE

EBP-LOf – ARY SANTOS DE FARIAS

EBP-MG – MARIA WILMA FARIAS

EBP-PE – ROSANE DA FONTE

EBP-RJ – ANA TEREZA GROISMAN

EBP-SC – CLEUDES SLONGO

EBP-SP – MARILSA BASSO

SUMÁRIO

EDITORIAL	5
NOHEMÍ BROWN	

CARTÉIS

O CARTEL ENLAÇA

CARTEL – MÁQUINA DE GUERRA CONTRA O ISOLAMENTO	8
SANDRA ARRUDA GROSTEIN	
O CARTEL ...AJUDA-A-GENTE-A-SE-VER?	10
IORDAN GURGEL	
O CARTEL ENQUANTO ESFORÇO DE RESISTÊNCIA, MESMO NA PANDEMIA	12
HENRI KAUFMANNER	

PONTUAÇÕES SOBRE O CARTEL

MAIS UM, UMA FUNÇÃO QUE CIRCULA	15
ANA TEREZA GROISMAN	
CARTEL: O UNO E O MÚLTIPLO	17
CLEUDES MARIA SLONGO	
O CARTEL NA ESCOLA	19
MARIA WILMA FARIA	
O CARTEL EM INTENSÃO E EXTENSÃO DA PSICANÁLISE	21
MARILSA BASSO	
O QUE ENLAÇA O CARTEL	24
ROSANE DA FONTE	

INTERCÂMBIO

AS MUSAS	26
NA LÍNGUA DO OUTRO	27
“A FAVELA COMO SOLUÇÃO” - ENTREVISTA COM PRETO ZEZÉ. POR CLEYTON ANDRADE	

EDITORIAL

NOHEMÍ BROWN

Temos em mãos um boletim mais, o terceiro desta nova série e último da presente Diretoria da EBP. A cada *Dobradiça*, no espaço *O Cartel enlaça*, contamos com a elaboração de colegas, principalmente AMEs, entorno de uma pergunta que se apresenta como incontornável. Da qual simplesmente não podemos recuar nem ignorar. Neste boletim, no meio do momento em que nos encontramos, no auge de uma pandemia, e diante do fato de que o cartel se mantém de forma viva como dispositivo de trabalho na EBP, com um número crescente de cartéis em funcionamento, as questões que surgem são várias. Com o confinamento o cartel se revelou uma verdadeira máquina de guerra, mas contra o que? Como coloca Gerald Wacjman, “o mundo mudou. As guerras também.”¹ Retomamos o termo usado por Jacques-Alain Miller “cartel como máquina de guerra”² que embora seja um termo proposto por Deleuze e Guattari³, ele toma outros contornos e alcances em nosso campo quando o pensamos articulado ao cartel. O cartel implica certo forçamento para que não se torne simplesmente algo da ordem do solidário, do refúgio, da compreensão, mas que busque dar lugar à divisão de cada cartelizante sob a forma de trabalho. Uma máquina de guerra que leva em conta o mal-estar não para eliminá-lo, mas para tratá-lo e fazer dele uma arma que nos coloque a trabalho.

Com relação a esta questão, Sandra Grostein ressalta o valor da proposta de Lacan no que diz respeito ao trabalho em cartel. Ela precisa que se trata de um trabalho *de* Escola e não um trabalho *na* Escola. Pontuação importante que nos permite circunscrever a dimensão do trabalho colocado em jogo no dispositivo. Neste sentido, Iorgan Gurgel acrescenta que ele se articula à formação do analista. A formação implica um laço do qual o cartel faz parte, um laço no qual o furo está presente no sentido mais estrito do termo, o que problematiza a questão. Henri

1 WAJCMAN, G. Ojo de guerra. In: BROUSSE, M.-H. *El psicoanálisis a la hora de la guerra*. Buenos Aires: Tres Haches, 2015. p. 297.

2 MILLER, J.-A. O cartel no centro de uma Escola de Psicanálise (1994). In: BROWN, N. (Org.) *Cartel. Novas leituras*. São Paulo: EBP, 2021, p. 23.

3 DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. (1995) Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

Kaufmanner coloca o valor da persistência neste dispositivo, da transferência de trabalho, que nos coloca diante da dimensão do Desejo de Escola. Estes três textos nos permitem cernir ainda um ponto, situando que há a dimensão do um por um, mas implica o coletivo em uma topologia que se complexifica. O “um por um” sem essa dimensão do coletivo seria da ordem da dispersão? O cartel é a melhor forma de enfrentar a solidão frente ao infamiliar dos tempos atuais?

Nesta linha temos contribuições de Ana Tereza Groisman, Cleudes Slongo, Maria Wilma Farias, Marilsa Basso e Rosane da Fonte que trazem pontuações precisas sobre diferentes aspectos do cartel, mas que tomam densidade a partir de sua função durante dois anos como Diretoras de Cartéis, acompanhando os cartéis nas suas seções.

Nos *Intercâmbios* contamos com uma rica entrevista, que coloca entre-visitas uma questão atual e conjuntural. Traz elementos subtis nos oferecendo traços para uma leitura sobre a cidade, a rua, a quadra, a favela. Já o próprio nome do entrevistado Preto Zezé, é em si mesmo um convite à reflexão, colocando em jogo um deslocamento do estigma a algo da ordem do carisma, da vergonha à dignidade. O deslocamento da favela de carência à potência... todo um campo onde cada um elabora suas “teses para existir”.

CARTÉIS

O CARTEL ENLAÇA

CARTEL – MÁQUINA DE GUERRA CONTRA O ISOLAMENTO

SANDRA ARRUDA GROSTEIN

A partir da questão colocada pelos editores de Dobradiça, gostaria de desenvolver uma reflexão sobre o impacto da virtualidade no dispositivo do cartel. Como sabemos, o dispositivo do Passe na EBP não aderiu de imediato ao mundo virtual, foi preciso um tempo para compreender, antes que este voltasse, parcialmente e sob algumas condições, a funcionar no âmbito da Escola. O Cartel, ao contrário, não só se manteve ativo como cresceu muito em número e em diversidade na sua composição.

Recorrendo a um breve histórico folheando as revistas Correio, destacaria alguns pontos para levantar ao menos uma hipótese sobre as consequências deste momento para o dispositivo cartel.

Na Correio número 10, anterior à fundação da Escola, JA Miller recupera a famosa colocação de Lacan no Ato de Fundação – “para a execução do trabalho adotaremos o princípio de uma elaboração sustentada num pequeno grupo”¹, este recorte visava ressaltar o fato de que nesta proposição Lacan marca a existência do trabalho de Escola e não um trabalho que pode ser desenvolvido na Escola. Seu argumento neste texto versa exatamente sobre uma mudança no dispositivo onde ele sugere que o cartel original de Lacan era “um órgão de crítica e de controle das produções” e que foi substituído pelo lugar onde se processa um aprendizado.

Num outro texto da Correio de novembro de 2006, Stella Jimenez articula o real e o cartel ao dizer que Lacan coloca seu Sinthoma, isto é, o real, à prova de duas maneiras: “na clínica e na Escola, ao confiar o miolo da transmissão à participação em cartéis”². Ela lembra que os cartéis subvertem a ordem simbólica ao apelar ao pequeno grupo sem líder, escapando do “ensino tradicional” em busca da transmissão da psicanálise na relação com o escrito, isto é, o produto de cada um ao finalizar um cartel.

1 JA Miller – O Cartel no Mundo- Correio número 10

2 Stella Jimenez- - Cartel, Número especial do Correio- Novembro 2006

Para concluir esta breve pesquisa encontrei no número 76 da Correio um texto de Carlos Augusto Nicéas intitulado “A solidão do pequeno grupo”³, onde ele busca articular a afirmação de Lacan no Ato de fundação - “fundo tão só como sempre estive ...” com a solidão de estrutura da relação de cada um com a causa analítica, isto é, o lugar da causa que permitiu Freud inventar a psicanálise se reproduziria para cada um no cartel.

A partir destes três pontos de articulação, com Miller em seu texto ao destacar a função do cartel como órgão de crítica e de controle das produções, com Stella ao marcar a importância do escrito no tratamento do real na Escola e com Nicéas ao lembrar a importância da causa na “soma das solidões”, podemos retomar a discussão sobre o efeito da virtualidade no dispositivo do cartel.

Não há dúvida de que o número e diversidade dos cartéis neste tempo pandêmico e virtual produz efeitos no trabalho da Escola ao evitar a dispersão que o isolamento promove. Porém, ter se convertido num agente aglutinador e agalmático não garante ao dispositivo seu propósito e é preciso estar atento para a ameaça sempre presente, aquela vinda do imaginário, de transformar esta máquina de guerra contra o didatismo num instrumento do analista solitário realizar seu ideal narcísico face a demanda crescente de estudo e aprendizado da psicanálise.

3 Carlos Augusto Nicéas- Solidão do pequeno grupo- Correio número 76

O CARTEL ...AJUDA-A-
GENTE-A-SE-VER?

JORDAN GURGEL

Seguindo a orientação lacaniana devemos, sempre, tomar o cartel como instrumento necessário à formação do analista – para elaboração do saber construído – que serve ao discurso analítico e à Escola. O funcionamento do cartel na Escola de Lacan concerne à formação do analista, em que o saber teórico se traduz no saber-fazer com o real na clínica e a suposição de um laço institucional novo que considere o S (A). Se estamos no campo da formação, a análise pessoal, a supervisão e o estudo teórico aí estão implicados e é neste viés que o cartel se formaliza e funciona como instrumento de transmissão.

Em um texto anterior recordei a minha primeira experiência de cartel que me produziu um importante efeito de formação e marcou minha entrada na Escola. O que mais me chamou atenção, quando comecei a pesquisar sobre o tema de estudo e me assenhorar do mecanismo de funcionamento do cartel, foi que a transmissão não se dava pela identificação, tampouco por um modo passivo, estando o cartelizante na posição de aluno. A participação, que visava um produto, não se limitava a estudar e discutir, mas sim considerar a falta, o furo no saber, para fazer aparecer o singular em cada um. Aprendi, desde então, que a proposta de Lacan de se trabalhar em grupo só avançava a partir do um por um, produzindo, assim, uma verdadeira subversão da mestria, do estilo universitário, pedagógico ou educativo, fazendo, deste modo, emergir o real da linguagem.

Hoje, instado a falar da minha experiência de cartel em tempos de pandemia, veio, de pronto, uma constatação: nunca, na minha história na EBP, participei simultaneamente de quatro cartéis! Isso foi possível em tempos de pandemia.

A extimidade, a psicose, os sonhos e, finalmente, o amor, amalgamaram-se para compor a realidade temática do meu estudo nestes diferentes cartéis. Agora me dou conta de que poderia até contar uma historinha tomando estes temas numa sequência lógica que refletisse o momento de reclusão forçada – condição de preservar a vida. Afinal, o fenômeno de estranheza frente aquilo que me é o mais íntimo; algo foracluído que retorna no real; a supressão da realidade para aparecer o desejo realizado e o amor como suplência à não relação sexual, não se configuram

como um mosaico de possibilidades frente às leis da natureza que nos impõe o vírus?

Graças às possibilidades oferecidas pela internet – este novo que interfere diretamente na relação entre as pessoas e faz desta crise um diferencial importante em relação a outras pandemias de antanho – foi possível continuar o trabalho em cartéis. O acesso aos computadores e smartphones desloca o sujeito para a esfera dos semblantes por excelência. E viva o Zoom, o Skype, WhatsApp e os google meets da vida! Estes dispositivos, ao possibilitar o encontro virtual, têm a sua serventia, mas, sabemos, não substitui a presença dos corpos – digamos que é o encontro possível apontando a um encontro futuro para realizar o cartel.

Ademais, no ainda hoje, tempo da experiência, pergunto-me se fazer cartel on-line, na linha do olhar, da imagem e da escuta, foi a melhor resposta que encontramos para continuar nossa formação, mas, também, uma forma de enfrentar a solidão frente ao infamiliar do espaço coletivo. É interessante pensar que o funcionamento do cartel é um por um, mas engendra um cálculo, assim como a saída da pandemia exigindo ações que visem o coletivo.

Neste âmbito, estaríamos diante de uma nova forma de usar o cartel como um dispositivo para tratar os efeitos subjetivos produzidos pelo isolamento social? Afinal, não deixa de ser um saber fazer, uma resposta institucional frente aos impasses provocados pela pandemia.

Enfim, há que se reconhecer que a experiência de cartel só consegue se realizar como tal se deixar alguma marca ou algum efeito em quem a realizou. Mas será que o cartel, considerando as circunstâncias atuais, também ajuda-a-gente-a-se-ver?

O CARTEL ENQUANTO ESFORÇO DE RESISTÊNCIA, MESMO NA PANDEMIA

HENRI KAUFMANNER

Sempre achei bem interessante os efeitos do encontro de Lacan com a psiquiatria inglesa, e como esta o influenciou na construção do dispositivo de Cartel, o qual, junto com o Passe, são a base de sua escola. Os grupos de trabalho constituídos no esforço de guerra do Reino Unido, baseados nos Grupos Operativos de Bion e seus colegas, permitiram ao exército inglês, não somente a recuperação daqueles soldados que voltavam combalidos da experiência da guerra, como também a construção de seu exército. Estes grupos ajudaram muito a sustentação da resistência britânica na luta contra o nazismo.

Portanto, não é mera casualidade que, a partir das medidas de isolamento social durante a pandemia, os cartéis tenham funcionado como um dispositivo de laço de trabalho que não somente se manteve em atividade, como, ao que parece, até se incrementou. Os cartéis mostram-se, assim, como dispositivos de sustentação da Escola de Lacan, de sua persistência, de transferência de trabalho, capazes de enfrentar os diversos obstáculos apresentados diante do Desejo de Escola.

Sou o Mais Um de um cartel que se constituiu a partir de uma demanda que eu diria bem particular. Com o tema de investigação Psicanálise e Segregação, seu ponto de partida se deu a partir da procura de 5 jovens psicanalistas, cada uma, a seu modo, integrada aos movimentos antirracismo e que se reconhecem como pretas. Tinham como intenção não somente investigar o tema do racismo a partir da psicanálise, mas traziam também a vontade de cuidar para que esse tema se fizesse mais presente nos espaços da EBP, no caso da Seção Minas Gerais, partindo também da observação de que eram poucos os pretos na frequência das atividades da Seção. Isso ocorreu em 2019 e, no ano anterior, tivemos em Belo Horizonte um Fórum Zadig sobre o racismo, do qual fui um dos organizadores.

O cartel assim, de certa maneira, reafirma suas origens, pois, além de um trabalho de investigação epistêmica, enlaça-se também a partir de uma vontade política, de um exercício de resistência diante do avanço do racismo.

Iniciamos nossos trabalhos em julho de 2019, antes da pandemia. E devemos concluir o cartel em julho de 2021.

Obviamente a pandemia nos afetou. Nossos contatos passaram a ser remotos, on-line. Cada nova reunião era marcada por um cálculo de como estaria a situação da pandemia quando nos encontrássemos novamente. Não que tal cálculo determinasse nossos encontros, mas revelava a preocupação de cada um de nós e o desejo de que estivéssemos bem, a cada vez. A discussão sobre como a pandemia afetava a parcela mais precária de nossa população, sabidamente em sua grande maioria constituída por pretos, também esteve sempre presente e a aparente dimensão “democrática do vírus” logo mostrou seu engodo.

Continuamos nossas reuniões, e mais além de alguns trabalhos já apresentados, iniciamos este ano, sob a chancela do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de MG, um Ateliê de Investigação em Psicanálise e Segregação. A questão da segregação ganha, assim, um espaço institucional particular, que até então não existia, e esta era uma das tarefas a qual o cartel se propunha.

Como pensar a articulação da psicanálise com as lutas identitárias, na proliferação de nomes e identidades que hoje em dia se disseminam pelo mundo, passou a ser o tema deste Ateliê que tem como equipe responsável os membros deste cartel, o qual irá se dissolver. A questão a investigar: como pode a psicanálise se inserir aí, na medida em que para psicanálise não se trata da lógica identitária, mas de uma identificação dessegregativa.

CARTÉIS

PONTUAÇÕES
SOBRE O CARTEL

MAIS UM, UMA FUNÇÃO QUE CIRCULA

ANA TEREZA GROISMAN

O Cartel surge com a Escola de Lacan e se articula a seu ensino desde o início. Lacan propôs a estrutura do Cartel como base de apoio e meio pelo qual executa-se o trabalho de Escola.

O funcionamento do Cartel se aproxima da topologia dos nós, pois, formado o Cartel, cada um de seus cartelizantes é fundamental para que o laço de trabalho se sustente. Cada componente assume para si a função de enlaçar o grupo ao trabalho de Escola. Nesse sentido, como conclui Lacan, o Mais Um pode ser qualquer Um, desde que seja alguém (Lacan,1980)¹.

Nestes 40 anos que nos separam da dissolução da EFP, muito se teorizou sobre o Mais-um como provocador provocado, uma posição Socrática que “carrega pontos de interrogação e abre buracos nas cabeças”, como bem disse Miller (1986)². Mas, gostaria de me deter na função de enlace entre a Escola e a comunidade que a circunda como uma das facetas dessa função. Em tempos de isolamento social e da dispersão inerente à tal distanciamento, me parece fundamental a tarefa de enlaçar o trabalho de seus membros ao que faz Escola.

É função do Mais Um zelar para que os interesses singulares não se massifiquem ou se dissolvam no grupo. Ao mesmo tempo que deve enlaçar o trabalho singular ao coletivo e também possibilitar que o coletivo fure o individual: nem isolados, nem colados.

Cada um que se aproxima da Escola parte de uma pergunta, algo que se destaca de sua clínica, de sua análise ou de seu encontro com a teoria, e estaria em busca de parceiros para sustentar e elaborar algum saber sobre o que de início é pura indagação. Isso é fundamental na medida em que mantém a Escola viva e em consonância com as questões de sua época.

1 Lacan, J.: D'ecolage, 1980, disponível em: www.wapol.org.

2 Miller, J.-A., “Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada, 1986, disponível em: www.wapol.org.

Na Escola somos convocados ao trabalho, sendo assim, ela também cumpre a função de Mais Um para seus membros. E, quando lhe endereçamos nossas questões, ocupamos a função de Mais Um junto ao grupo. O Mais Um interroga e enlaça cada um ao coletivo que faz Escola. Trata-se de um trabalho circular e permanente que se sustenta na tensão entre o coletivo e o individual.

Para concluir, proponho que o Mais Um tem função de promover o descolamento do que vem como demanda institucional, promovendo seu reviramento em desejo de saber enlaçado a uma causa singular. Ao mesmo tempo impede que o grupo se feche em si mesmo, endereçando as questões singulares ao coletivo Escola que decola a partir daí.

CARTEL: O UNO E O MÚLTIPLO

CLEUDES MARIA S LONGO

No ato de fundação de sua Escola, em 1964, Lacan lança uma proposta revolucionária de trabalho que subverte a tendência universal dos grupos humanos, que se estruturam em torno de um líder, a quem seus membros se identificam e a ele delegam uma posição de mestria.

O Cartel não se sustenta na crença de um Outro que sabe, da lógica do todo, do ideal. Trata-se de um dispositivo que “conjuga o laço social que permite a produção, com a palavra contingente de cada um, com o traço próprio, com seu sintoma, com seu nome”¹. Assim sendo, ele se opõe radicalmente à burocracia dos grupos analíticos cuja visada é o acúmulo de conhecimento científico.

Estruturado a partir da fórmula “**X+1**”, o Cartel se configura a partir da lógica do nó borromeano. O **+1**, em posição de extimidade, indica uma operação de anodamento dos outros elementos, por meio da transferência de trabalho, estando a seu cargo dar-lhe curso.

O **+1** representa um lugar vazio, por isto mesmo é uma função intercambiável, podendo ser ocupada por “qualquer um” dos membros.

O Cartel está incluído no conceito mesmo de Escola. É o plano político de Lacan para a sustentação do trabalho em uma Escola de analistas. Não há Escola sem Cartel. “Como instrumento de trabalho, ele serve à formação, à investigação, e como espaço não burocrático, que aloja os encontros e descobertas de cada um”² a partir de uma experiência de trabalho em conjunto.

Tal como o dispositivo do Passe, o Cartel faz a especificidade da Escola na medida em que permite que surja um saber novo, saber do real, do impossível da relação sexual, para ser ensinado. Seu princípio de funcionamento se constitui ao redor de um vazio de saber que funciona como causa. Ao longo de todo o seu percurso, ele está atravessado por uma posta em ato de uma política de enunciação onde entra em jogo a dimensão subjetiva. “Trata-se de um laço que não se homogeniza e se distingue do fenômeno grupal, que se sustenta no Nome do Pai, para poder fazer algo diferente: um trabalho de Escola”². Nesse processo, o **+1** deve assegurar a diferença em relação ao grupo a partir de sua função de agente provocador possibilitando que o trabalho aconteça e se desloque.

Subjetivar a Escola, segundo a lógica do Cartel, é estar disposto a consentir com “um estado inédito que vai do sentido comum do laço ao Outro da Psicologia dos Grupos, a um sentido que não é comum”³. Desse modo, cada um, remetido à sua solidão irreduzível, se faz responsável por sua posição, porém, não sem os outros.

Referências Bibliográficas

- 1 – KUPERWAJS, Irene. *El cartel, uma política del lazo puesta em acto*. El Caldero de la Escuela, nº 18, p. 39, 2012)
- 2 – KUPERWAJS, Irene. Texto de abertura de las XXI Jornadas de Carteles de la EOL Córdoba, realizadas el 15 de septiembre de 2012. El Caldero de la Escuela, nº 19, p. 38.)
- 3 - MILLER, Jacques-Alain. *Teoria de Turim: sobre o sujeito da Escola*. Opção Lacaniana Online nova série. Ano 7. Número 21. Novembro de 2006. ISSN 2177

O CARTEL NA ESCOLA

MARIA WILMA FARIA¹

Os cartéis são algo vivo, que ressoam em nossa Escola. Lacan, referindo-se a eles, utiliza o significante *turbilhão*, que comporta um vazio em seu centro, em torno do qual algo agita e causa. Os cartéis devem interrogar a Escola, pois trazem em si a tentativa de furar a lógica vertical dos grupos, provocando ação. O cartel pode marcar um *antes* e um *depois* na vida do cartelizante. Entra-se com a divisão, uma pergunta; o vazio empurra o sujeito em direção ao trabalho, não sem o seu traço próprio, condição para haver um trabalho que produza algum saber ².

Uma formação se sustenta na análise pessoal, na supervisão e no ensino. O cartel, como uma das *portas de entrada*, é vetor da experiência de Escola. Marie-Hélène Brousse diz: *fazer cartel é questão de formação*³. Formação implica na *singular relação de cada um com a causa analítica*, e no modo como se inscreve na Escola de orientação lacaniana, imprimindo as marcas do percurso. Assim, temos no cartel um modo de fazer laço social entre os analistas, mas cada um com seu sintoma, sua solidão.

A transferência de trabalho é o motor de funcionamento do Cartel, que permite nesse pequeno número, 4+1, haver um laço, pelo fato de cada um portar seu nome⁴. Se existe um Real em jogo na formação do psicanalista, o cartel poderia ser uma das modalidades de trata-lo. No cartel há a transferência com o texto, entre seus membros, com o Mais-Um, e com a Escola na qual se inscreve.

O que se joga no cartel? Como no jogo de xadrez proposto por Freud, temos no início as diretrizes e princípios que definem um cartel, mas o durante, as inúmeras possibilidades de funcionamento, não sabemos como se darão. No horizonte, a dissolução aponta que há um tempo para que algo decante, não sem uma certa pressão, um produto individualizado precisa ser produzido. O produto de cada um

1 Analista praticante, membro da EBP e da AMP, Diretora de Cartéis da EBP-MG 2019-2021

2 Miller, J-A. Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada. Manual de Cartéis. EBP-MG. Scriptum.

3 Brousse, M.-H. Sobre o cartel fulgurante. Manual de Cartéis. EBP-MG e Scriptum. p.60

4 Lacan, J. Atas de encerramento das Jornadas de Cartéis. Disponível em: <http://pharmakondigital.com/encerramento-das-jornadas-de-estudos-de-carteis-da-escola-freudiana/>

DOBRADIÇA

pode ser entendido como um pedaço de real que cai, uma vez que estar em cartel é colocar em jogo o próprio corpo.

O CARTEL EM INTENSÃO E EXTENSÃO DA PSICANÁLISE

MARILSA BASSO (PSICANALISTA, MEMBRO DA EBP/SP)

O cartel, “órgão de base da Escola”¹, é uma aposta que Lacan instituiu com um ato junto à Fundação da Escola², em 1964.

Como alicerce de uma construção, o cartel dá suporte à Escola, a circunscreve e delimita seu terreno, assim como é também sua porta aberta, podendo ser uma entrada assim como uma expansão.

Entre palavras, corpos e atos, há no cartel um real que insiste possibilitando a vivacidade de um trabalho de Escola, ele a interpreta e a inova.

Em 1967, Lacan diz: “...eu me apoiarei nos dois momentos da junção do que chamarei, neste arrazoado, respectivamente, de psicanálise em extensão, ou seja, tudo o que resume a função de nossa Escola como presentificadora da psicanálise no mundo, e psicanálise em intensão, ou seja, a didática, como não fazendo mais do que preparar operadores para ela”³.

O cartel faz da Escola um corpo vivo.

São várias atribuições do significante *corpo*: o corpo biológico, o corpo de um ser, vivo ou morto, o corpo imaginário, o corpo marcado pela palavra, o corpo falante etc. Utilizamos também *corpo* para falar dos coletivos, do corpo social, do corpo docente, administrativo ou organizacional, entre outras atribuições. Neste sentido, podemos pensar a Escola como um corpo. Todavia, a Escola fundada por Lacan comporta uma particularidade por ter em sua estrutura um funcionamento que não tende a unificações e que tem como premissa o esvaziamento das identificações imaginárias, o cartel, que segue na contramão do grupo, um modo não obstruir o real da experiência.

O dispositivo de cartel possibilita uma transmissão do ensino que se dá pela via epistêmica e pela experiência. Um saber que circula entre um *dentro* e *fora*, uma produção interna cujo produto é direcionado à Escola e desta aos laços: entre seus integrantes, entre outras Escolas, entre outros laços sociais, institucionais e políticos. Eis a extensão que, na Escola, o cartel possibilita.

Cada experiência em cartel é única e os modos de operar o *movimento dobra-dança* são variados.

No intuito de circular e trocar, fomentando essa discussão, compartilharei dois fragmentos breves e pontuais de diferentes cartéis.

Uma primeira experiência de cartel, cerca de 1996, num momento bem inicial da investigação analítica. “As psicoses”, era o tema. Enderecei ao “mais-um”⁴ uma questão conceitual: o que é o esquema L? Encarnado em sua função de “agente provocador”⁵, ele não somente não respondeu como também solicitou investigarmos a questão entre os carterizantes e trazermos para o próximo encontro. Um silêncio inusitado entre os integrantes se impôs.

Houve um deslocamento do que era esperado pelo até então “grupo” que passou a um outro modo de funcionar, de uma demanda de resposta à uma investigação. A partir daquela intervenção, passamos de receptores de um ensino para responsáveis por uma pesquisa e uma produção. Não se tratava mais de um mestre que fosse oferecer ensino, mas de um sujeito que, dividido, provocou outra divisão gerando uma mudança de posição diante do trabalho almejado. De grupo à cartel, eis a modificação precisa. Findou em um primeiro produto que enderecei à Escola. Foi apresentado e publicado numa coletânea de produtos de cartéis, que é um outro modo de circular, não mais no cartel, mas no laço entre vários.

Sem um saber prévio, um trabalho de escola ali se iniciava.

Em uma outra experiência, num cartel ainda em curso, cerca de 24 anos depois, o “mais-um”⁶ em uma primeira conversa com o grupo, pede para que eu apresente, já para o próximo encontro, uma articulação sobre “A terceira”⁷ (tema geral do cartel) e as conferências que a antecedem. Não era minha questão específica no cartel, embora abrangesse o tema central. Por que tal demanda? Eu teria dito algo que apontaria para isso? Um ponto de rateio? Um pedido aleatório? Que movimento se tratava? Lembrei imediatamente do esquema L, momento de uma certa convocação *ao trabalho* que causou questão e movimento. Instante de ver.

Diante de uma provocação que apontava um “não saber” na primeira experiência e um “fora de sentido” nesta segunda aqui citada, um ponto sutil circunscreveu uma passagem. De um grupo à um cartel. De um estudo à uma investigação. De um “mais um” a um “menos um” que somou vários, provocando trabalho.

Nessas experiências podemos localizar que a posição subjetiva está de algum modo colocada no funcionamento que, no cartel, deve ser levada em conta, assim como a função do “mais-um”.

Do mais íntimo que acontece com cada integrante, à uma produção colocada a “céu aberto” ao ser endereçada à escola. Efeito dobradiça!

O que enlaça os parceiros de formação em suas vertentes de intensão e extensão é o cartel, cujo motor é a transferência de trabalho.

Gustavo Stiglitz⁸, em sua conferência “O cartel, as palavras e os corpos, laços no isolamento”⁹, disse que assim como a Escola, pode-se dizer que o cartel “tem asas analíticas e patas sociais”.

Localizo em Miller:

“Segue-se que a Escola é um ser ambíguo, que tem asas analíticas, como se

diz, e patas sociais, que constitui, para falar como Baudelaire, uma dupla postulação, uma para o discurso analítico e outra para o discurso do mestre”¹⁰.

A dobradiça dos cartéis está nesta articulação entre o dentro e fora da escola, assim como seu movimento de intensão à extensão. Enlaça o ponto singular de cada um, a formação e a causa analítica. Cabe também o enlace com outros discursos. Não ao acaso, cabe pontuar, o Intercâmbio está alojado junto aos Cartéis na Escola.

‘Notas de fim’

1 Lacan, (1980). D'écolage. In: www.wapol.org.

2 Lacan, Outros Escritos, “Ato de fundação”, Jorge Zahar editor, Rio de Janeiro, 2001.

3 Lacan, Outros Escritos, Proposição de 9 de outubro de 1967. Jorge Zahar editor, Rio de Janeiro, 2001.

4 Rômulo Ferreira da Silva

5 Miller, J.-A. “Cinco variações sobre o tema da elaboração provocada”. In : www.ebp.org.br

6 Romildo do Rego Barros

7Lacan, “A terceira. Opção Lacaniana, 62. Revista da Escola Brasileira Internacional de Psicanálise. Dezembro 2011.

8Psicanalista, AE, AME da EOL e AMP.

9 Stiglitz, G. Conferência da Jornada de Cartéis da EBP-SP, de 5 de dezembro de 2020. Inédito.

10 Miller, J.-A. Questão de Escola: Proposta sobre a Garantia. Opção Lacaniana online nova série Ano 8. Número 23. julho 2017.

O QUE ENLAÇA O CARTEL

ROSANE DA FONTE

Como o poeta, encontramos uma pedra “no meio do caminho”. Um real contingente se lançou em nossa caminhada. Como contorná-la?

O presencial que sustenta o laço na Escola foi provisoriamente deslocado para o epistêmico, pela via do Cartel no qual Lacan precisa a conexão entre o individual e o coletivo.

O cartel, na Escola de Lacan, não é só uma ferramenta de trabalho, ele instaura uma política. Não ceder diante do real que está no cerne da Escola e na formação do analista.

Sua lógica institui um funcionamento que aloja a questão de cada cartelizante, tendo o Mais Um, como agente provocador. É um dispositivo com tempo limitado, em que a hierarquia e o mestre não vigoram. Cada participante, é representado por um S_1 , que o designa na diferença, e tem o encargo de produzir um texto em que se revela a singularidade. Aí está o valor do Cartel.

Para Guy Briole, os membros do cartel, incluindo o mais-um, participam com seu estilo, traços, maneira de colocar-se e de transmitir dando lugar à diversidade.

A psicanálise é apresentada por Lacan como um campo aberto à espera da elaboração teórica dos analistas. Os cartelizantes, com o vazio que lhes concerne, seu desejo e seu entusiasmo, provocam o coletivo Escola, abrindo janelas para novas questões e novos Cartéis.

Em tempo do virtual, sigo Marcelo Veras: o isolamento de corpos não implica, necessariamente, isolamento social, a marca do humano é a linguagem, e as redes sociais estão aí para favorecer os encontros.

Nessa via, Miller, na fundação da EBP, destaca a importância do *Affectio societatis*, expressão que põe em relevo o que se faz só e o que não se faz só, sem os outros. Desse modo, a Escola abriga o que se faz só: a análise, o ensino e, ao mesmo tempo, a dignidade do que fazemos juntos: o cartel, as conversações... Não há Escola sem o coletivo.

Assim, nesse Encontro de Cartéis acolhemos os resíduos daqueles que vieram à Seção NE nesse momento de sua consolidação para vivificá-la.

Individual e coletivo se enlaçam e fazem Escola.

INTERCÂMBIO

AS MUSAS

As musas eram as filhas de Zeus com a deusa Memória e inspiravam aqueles que as encontravam, com os cantos que serviam de objeto causa para o discurso



Fonte: grafite do artista Marcos Costa, Spraycabuloso na entrada da favela Solar de Unhão, em Salvador
foto Antonello Veneri/AFP

NA LÍNGUA DO OUTRO

“A FAVELA COMO SOLUÇÃO” - ENTREVISTA COM PRETO ZEZÉ.

POR CLEYTON ANDRADE

A comunidade científica e sobretudo a epidemiológica retoma o conceito de *sindemia* para falar da crise sanitária do novo Coronavírus, muito mais complexo do que “pandemia”, por envolver, como diversos atores de uma crítica social já haviam alertado, que a covid-19 interage diretamente com a desigualdade social, atingido de maneira mais violenta minorias sociais e étnicas. Somos confrontados com uma ameaça que não reporta apenas ao vírus, mas a uma ameaça naturalizada com a qual convivemos por muito tempo: a desigualdade social. Isso implica que o combate à covid-19 estará fadado ao fracasso caso não se combata, ao mesmo tempo, a desigualdade social e econômica, bem como suas manifestações sob a forma de um racismo estrutural, inscrita no corpo pulsional. Ou seja, não se pode combater o vírus de forma eficaz desconsiderando a desigualdade política dos corpos.

Nesse sentido é possível resgatar um dos enunciados fundamentais de um pensador pós-doutor das ruas e das quadras, que algumas vezes já disse que “a favela não é um problema, é a solução” e se propõe a pensar a “favela como potência”. A *sindemia* reacende a virulência do *favelês* de Preto Zezé, autor do livro “*Das quadras para o mundo*”, que começou como lavador de carros, se tornou artista musical construído politicamente nas quadras e no *hip hop*, e ergueu um nome próprio como modo de intervenção político-pedagógica. Preto Zezé, ativista, rapper, empreendedor e presidente da Central Única das Favelas (CUFA) Nacional e da CUFA Global com sede em Nova Iorque, é o nosso convidado para uma conversa neste terceiro número do Boletim Dobradiça.

Cleyton Andrade: Em algumas entrevistas você pôde falar de como surgiu o nome Preto Zezé. Hoje, você como presidente da CUFA, autor de livros,

além de um protagonismo em diversas áreas e movimentos sociais, poderia nos contar como esse nome próprio foi fundado e o efeito político dele.

Preto Zezé - O racismo no Brasil, ele atua de maneiras diferenciadas. No caso do meu estado, ele atua dizendo que não existem negros. Isso gerou um prejuízo muito grande, porque, só recentemente, é que documentos oficiais do museu de história do Ceará, a institucionalidade, começou a assumir que aqui existem negros sim. E aí nós começamos a inverter essa lógica e eu coloquei o termo Preto Zezé para gerar um constrangimento pedagógico nas pessoas, para elas começarem a refletir sobre isso. E daí acabou que o nome Preto se transformou em nome próprio na medida em que a gente foi transformando o estigma em carisma e a vergonha em orgulho. E é feito político, tá sempre alguém rememorando: “opa, mas Preto? Peraí, mas Preto o quê? É Pedro? Não, não...”, o cara não quer chamar de Preto porque pergunta como é que chama, então sempre traz o tema para um ambiente que o racismo não quer, o ambiente público, né, o debate público, tira esse debate do subterrâneo.

Cleyton Andrade: Você já disse dos pós-Doutores na Rua, dentre os quais você faz parte. E que os pós-Doutores na Rua produzem suas próprias teses. Nesse sentido eu queria te perguntar, no “favelês” o que é a “Rua”? E a partir daí, o que é a “Quadra”? Fazendo menção ao título do seu livro... “Das quadras para o mundo”.

Preto Zezé: Quando se fala rua, favela, é um conjunto de valores, de vivências e de inteligências desenvolvidas para sobreviver num país desigual e injusto, como o Brasil, que tem 521 anos, mas teve 383 (anos) de escravidão. E onde as populações desses territórios, que tem na rua a sua arena, na favela o seu habitat e a cor negra majoritária... essas pessoas foram relegadas a um ambiente de invisibilidade, a um ambiente de segunda classe, a um ambiente subalterno no imaginário popular devido a esse nosso histórico de escravidão. Então, quando se fala rua, favelas, esses ambientes, a gente tá falando de uma inteligência para sobreviver nessa realidade. Por isso que são pós-doutores em tudo de ruim que acontece, mas, ao mesmo tempo, são intelectuais orgânicos da vida real que, embora estejam longe dos bancos universitários, as suas colaborações para o desenrolar, para o “se virar” na vida real, elas têm tanto ou mais valor do que o que é elaborado pelos cientistas sociais e acadêmicos.

Nesse sentido... nesse sentido, a quadra é a minha escola, “né?”, é a minha universidade da vida, e a CUFA, ela já é o nosso centro de preparação mais sofisticado, é o nosso Vale do Silício das boas ideias, das boas ações, de muita coisa muito bacana. Então é nisso aí que a gente tá colocando que a favela ela não é só carência, ela é potência.

Cleyton Andrade: Existem críticas aos movimentos sociais que se baseiam na concepção de que são movimentos identitários. E que, nesse sen-

tido, seriam apoiados em bases frágeis. Da minha parte, penso que são o contrário. Em resumo, seriam uma resistência ao identitarismo que lhes atribuem, à revelia, identidades e formas específicas de existência. E tanto o movimento negro, LGBT, feminismo, para citar apenas alguns, gritam que a identidade que lhes dão, não os definem. Ele seriam, na verdade, não pautas identitárias, mas sim um golpe no identitarismo. Queria te ouvir e saber o que você pode nos dizer sobre os movimentos sociais.

Preto Zezé: Primeiro é preciso reconhecer que todas as lutas de todos os grupos que se sentem oprimidos elas são legítimas. Sobre esse debate identitário, a maioria da população nem sabe o que é que se trata disso. Isso é mais um debate de grupos, muito pequeno inclusive... muito restrito, não é nem consenso geral entre os próprios movimentos isso, mas se quiser falar em identitarismo, tem que falar dos brancos, “né cara?”, o branco é identitário, a teoria, inclusive dos movimentos sociais, é uma teoria identitária e identificada com a Europa, tendo como base os seus ideólogos e teóricos, essas contribuições intelectuais. Eu acho que os grupos tão querendo é pluralismo, né?, que todos sejam reconhecidos na virtude das suas diferenças e que o fato de ser diferente, de ter sua identidade, não seja utilizado ou transformado em desigualdades. E esse é o grande desafio: encontrar esse ponto comum de respeito à identidade de cada um, de afirmação da vida e de enfrentamento das opressões, sejam quais forem as que ocorram.

Cleyton Andrade: Por fim, gostaria de inverter a segunda questão que te fiz. Que tipo de tese ou pautas, as ruas, os movimentos sociais, produzem material e concretamente? Quais as palavras-chave ou palavras de ordem que as ruas e movimentos sociais produzem?

Preto Zezé: Ah... Aí é uma resposta do milhão (risos). Pergunta do milhão, porque os movimentos produzem milhares de palavras de ordem, os movimentos se auto-organizam produzindo suas agendas e pautando suas agendas, “né?” e... produzem também as suas linguagens, os seus dialetos, as suas estéticas, “né?”, então os movimentos estão produzindo muita coisa ao mesmo tempo, “né?”. E também junto isso as suas teses para existir, para viver, para ser feliz e para conquistar seus objetivos e as suas agendas.

Transcrição: Thianne Cardoso